

LAZZARI, M. Resenha do livro *Linguística comparada e tipologia*. *ReVEL*, v. 22, n. 42, 2024. [www.revel.inf.br].

## **Resenha do livro *Linguística comparada e tipologia***

**Melissa Lazzari<sup>1</sup>**

melissaglazzari@gmail.com

O livro *Linguística comparada e tipologia* é de autoria de Giulia Bossaglia e foi publicado em 2019 pela Parábola Editorial, com 208 páginas. Conforme a biografia informada na própria obra, a autora é professora adjunta de Linguística Comparada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde realizou estágio de pós-doutorado de 2014 a 2015. Bossaglia é graduada em Línguas e Literaturas Clássicas pela *Università di Pisa* (2006) e mestra em Linguística pela mesma universidade (2008). É doutora em linguística sincrônica, diacrônica e aplicada pela *Università degli Studi Roma Tre* (2013). Atualmente, seus interesses de pesquisa circunscrevem as variedades diatópicas do português e os estudos comparativos sincrônicos e diacrônicos, além de tipologia e contato linguístico.

O manual integra a coleção *Linguística para o ensino superior* mantida pela editora, sendo o volume de número nove. É dessa forma que o público-alvo do livro pode ser apontado como estudantes de cursos de ensino superior cujas formações perpassem a área da linguística. A coleção tem o objetivo de disponibilizar livros de referência escritos em língua portuguesa por pesquisadores reconhecidos da área para o público brasileiro, de forma que reflète a manualística já disponível internacionalmente em outras línguas. Um ícone indica ao leitor que materiais extras estão disponíveis sobre aquele dado conteúdo, podendo ser acessados em um site mantido pela editora. Os materiais são em formatos diversos: imagens, áudios, vídeos textos de referência, exercícios e têm curadoria da própria autora.

A obra é formada por sete capítulos que, juntos, oferecem ao leitor um panorama rico e consensual sobre linguística comparada e tipologia. Neles, questões teóricas e metodológicas desses dois campos são tratadas a partir de uma base sólida

---

<sup>1</sup> Mestranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

em linguística histórica aliada à perspectiva sincrônica, trazendo muitos conhecimentos sobre o universo luso-brasileiro.

O primeiro capítulo, “As línguas do mundo”, trata justamente de uma apresentação abrangente do contexto das línguas no mundo, ao mesmo tempo que mostra a problemática em torno de se definir *língua*. Para isso, o ponto de partida da autora é distinguir os conceitos de língua natural e artificial, língua viva e língua morta e língua de contato. Depois disso, o problema de como contabilizar as línguas naturais vem à tona. Como alternativa, a autora traz o *Ethnologue*, publicação respeitada na área que atualiza anualmente estatísticas sobre as línguas do mundo.

O *Ethnologue* adota três critérios principais, conforme explica a autora: o primeiro é de natureza linguística e trata da inteligibilidade mútua entre falantes: se falantes da língua A entendem falantes da língua B sem dificuldades, A e B podem ser consideradas variedades de uma mesma língua. Os outros dois critérios levam em conta aspectos etnolinguísticos: se não há inteligibilidade entre falantes da língua A e falantes da língua B, mas esses falantes podem entender uma mesma variedade C ou apresentam uma tradição literária associada a ela, A e B ainda podem ser consideradas variedades da mesma língua. Havendo inteligibilidade entre falantes de A e de B, mas havendo identidades etnolinguísticas já consolidadas e independentes entre esses dois grupos, A e B podem ser consideradas línguas distintas. Para ilustrar cada critério e levantar também pontos de problematização, a autora traz exemplos de variedades regionais da língua italiana, do árabe e da sua relação com o *acroleto* (variedade “alta” da língua) e os *basiletos* (variedades “baixas”) e dos idiomas sérvio e croata.

No primeiro capítulo, o leitor ainda encontra uma seção que aborda as principais famílias linguísticas (indo-europeia, afro-asiática, nigero-congolesa, sino-tibetana, austronesiana e Trans-Nova Guiné). Essas seções trazem mapas para indicar a localização das línguas de cada família e alguns comentários sobre o número de falantes de algumas das línguas mais proeminentes de cada família. As informações quantitativas são o foco da próxima seção, em que a autora traz um panorama da distribuição de línguas vivas por família e por região geográfica. Chama a atenção, no entanto, a falta de uma árvore genealógica ou filogenética que resuma o percurso das famílias linguísticas. Sendo um livro de caráter introdutório, trazer esse recurso já presente na manualística da área seria importante para facilitar o entendimento de quem está iniciando seus estudos na disciplina.

Este capítulo é finalizado por uma seção que dá conta da relação entre o surgimento da agricultura e o desenvolvimento das diferentes famílias de línguas. A autora vai além de informações estritamente linguísticas e traz uma série de informações históricas sobre a organização do homem em sociedade. Com isso, a relação que se tem é a de que “o desenvolvimento da agricultura possibilitou a pequenas comunidades humanas se tornarem sociedades cada vez mais complexas e hierarquizadas” (BOSSAGLIA, 2019: 45). Sociedades com essas características demandam um nível maior de organização formal para regulamentação da convivência social e distribuição de tarefas, que se torna também mais especializada. Resumidamente, esses são alguns dos fatores que contribuem para a diversificação linguística. Sobre o espraiamento das línguas da família indo-europeia, a autora destaca que

[d]as famílias originárias da Eurásia, apenas a indo-europeia chegou a se expandir para tão longe de seus limites geográficos originais. Isso se deve principalmente à grande crise do século XIV, provocada pela epidemia da Peste Negra (BOSSAGLIA, 2019: 45).

No segundo capítulo, intitulado “Dois olhares sobre as línguas: sistema e diassistema”, a autora retoma conceitos bastante tradicionais da linguística saussuriana, como o conceito de signo linguístico, diacronia e sincronia, *langue* e *parole*, para entender a definição de língua como sistema. Dada essa base, a autora aborda o surgimento da sociolinguística como modelo alternativo ao estruturalismo e ao gerativismo. Antes vista como um sistema homogêneo, regular e invariável, a sociolinguística encara a língua como um sistema heterogêneo, porque a variação deve estar incluída nele. A língua seria então melhor descrita como um diassistema, um sistema formado por vários sistemas, englobando as variedades da língua. Tais variedades de uma mesma língua podem ser condicionadas por diferentes fatores extralinguísticos. A autora retoma conceitos já consolidados na sociolinguística e fala em variável diacrônica (relativa ao tempo), variável diatópica (relativa ao espaço geográfico), variável diastrática (relativa a fatores como estratos sociais, nível de escolaridade, sexo, idade, poder econômico), variável diafásica (relativa ao momento da enunciação), variável diamésica (relativa ao suporte usado para comunicação).

Considerando novamente que se trata de um manual que procura oferecer um primeiro contato com as áreas da linguística comparada e da tipologia, retomar questões centrais da linguística moderna e da sociolinguística é um ponto bastante

positivo deste capítulo. Dessa forma, o leitor garante uma base sólida e entende como essas duas áreas mais específicas se localizam e se relacionam na linguística em suas principais correntes. A autora ressalta que o grande mérito da sociolinguística foi justamente reconhecer o componente social na variação linguística, que, sendo assim, não é “livre”, mas condicionada por fatores externos. Além disso, reconhece que a variação é uma característica de todas as línguas do mundo, em maior ou menor grau. Ainda

[u]ma língua com muitos falantes tem mais chances de ser falada por uma comunidade significativamente articulada do ponto de vista social, e, portanto, de poder ser analisada como ‘diassitema’ (BOSSAGLIA, 2019: 69).

No terceiro capítulo, intitulado “A linguística histórico-comparada”, a área é apresentada de forma introdutória e ainda assim bastante consistente. A autora dá conta de quatro principais tópicos para isso:

- (i) História do campo: Conforme explica a Bossaglia, a disciplina surge no século XVIII, quando foram identificadas semelhanças no léxico do sânscrito e de línguas europeias. A partir disso, destacam-se numa primeira fase os trabalhos de Franz Bopp e Jacob Grimm sobre correspondências fonéticas em diferentes famílias linguísticas. A segunda fase é marcada pela atuação de August Schleicher, que aproxima a disciplina das ciências biológicas ao ver a língua como um organismo vivo, de Karl Verner, que aprofunda a Lei de Grimm, e do grupo que ficou conhecido como os Neogramáticos, que formularam leis fonéticas para o indo-europeu.
- (ii) Método: O método histórico-comparativo (MHC) parte do léxico e se serve principalmente da comparação de cognatos nas línguas examinadas, operando nos níveis fonético, reconstruindo protofonemas, e morfológico, reconstruindo protomorfemas lexicais e gramaticais. Nesse tópico, a autora descreve ainda dois princípios básicos da MHC: a plausibilidade fonética e o princípio de “a maioria ganha”, que devem ser aplicados no trabalho do pesquisador ao procurar atingir os objetivos da área.
- (iii) Pressupostos teóricos: A arbitrariedade do signo linguístico diz respeito à escolha de cognatos para serem comparados – nesse tópico, a autora ainda trata de iconicidade, empréstimos e o papel do acaso. A regularidade da mudança fonética, de acordo com as leis fonéticas propostas pelos

neogramáticos, assume que a mudança fonética não possui exceções, acontecendo sempre em palavras que apresentem o contexto fonológico para tal – ou seja, não é randômica. Por fim, o princípio uniformitário, que estabelece a continuidade entre passado e presente, é abordado.

- (iv) **Objetivos:** A reconstrução linguística é um dos principais objetivos da área. Havendo a falta de documentos escritos nas línguas que se busca reconstruir, o trabalho do linguista histórico é o de reconstruir línguas ancestrais não atestadas. Dessa forma, num nível mais geral, os pesquisadores do campo buscam entender os mecanismos que governam a mudança linguística ao longo do tempo, procurando comprovar relações genéticas entre grupos de línguas e reconstruir protolínguas.

Dados os quatro pontos, a autora define que:

[a] reconstrução é, de fato, um processo que percorre a linha do tempo ao contrário: a partir da comparação de palavras cognatas e da identificação de correspondências fonéticas nas línguas atestadas (mais recentes que a língua ancestral) e achando as leis fonéticas que expliquem como as línguas comparadas se diferenciam (...) o linguista pode tentar reconstruir o que havia antes, o ponto de partida para as próprias mudanças. (BOSSAGLIA, 2019: 88).

O capítulo não segue a ordem apresentada acima ao abordar os conteúdos, iniciando por pressupostos, objetivos e método da disciplina e encerrando com o panorama histórico. Nesse capítulo, certamente a abordagem do MHC merece destaque por ser aprofundada e rica em exemplos. A própria autora reproduz o passo a passo do método ao instigar o leitor a acompanhar a sua linha de raciocínio, mostrando desafios e limitações do trabalho com os dados em linguística histórico-comparada.

No quarto capítulo, “A tipologia linguística”, a autora apresenta a segunda grande disciplina do livro, destacando que essa tem natureza comparativa, assim como a linguística histórica, mas que persegue objetivos diferentes, usando, para isso, métodos também diferentes. Sobre a relação dos dois campos, Bossaglia destaca que, enquanto a linguística comparada procura por agrupamentos genéticos, a tipologia busca por agrupamentos transversais. Dessa forma, a depender do traço escolhido para se fazer a comparação, línguas de uma mesma família podem pertencer a tipologias distintas, assim como língua sem relação genética podem pertencer a um mesmo agrupamento tipológico. Os chamados tipos “correspondem a agrupamentos de línguas que, na amostra, compartilham de uma mesma característica estrutural”

(BOSSAGLIA, 2019: 97). A autora aborda então os seguintes tipos linguísticos: fonológicos, lexicais, morfológicos (que se dividem ainda em fusivo, aglutinante, isolante e polissintético), sintáticos e a tipologia de alinhamento de caso.

Além desse objetivo classificatório, mais superficial, a tipologia linguística ainda encara um nível mais profundo, buscando formular os “universais linguísticos”. Esses podem ser descritos como “propriedades comuns a todas as línguas humanas ou preferências que as línguas manifestam” (BOSSAGLIA, 2019: 99). De acordo com a literatura da área, a autora descreve os universais absolutos, válidos para todas as línguas, estáticos, universais que se aplicam a grande parte das línguas, havendo exceções, e implicacionais, expressos através de implicações uni ou bidirecionais. Ainda nesse tópico, a autora traz uma discussão sobre *markedness* (formas linguísticas marcadas e não marcadas)

Cabe destacar que os capítulos três e quatro cumprem muito bem o objetivo de apresentar essas duas disciplinas da linguística. Pontos positivos que certamente corroboram para isso são i. a linguagem acessível que a autora usa, conduzindo a sua linha de raciocínio de forma bastante didática e sendo de fácil entendimento para quem não conhece o campo ou busca revisar pontos importantes; ii. o aprofundamento dado às discussões, que é também bastante adequado já que não trata com simplicidade as questões apresentadas, mostrando os problemas e os desafios de cada análise conduzida e iii. a grande diversidade linguística que se faz presente nos exemplos mostrados ao longo da obra, o que certamente amplia o repertório do leitor ao trazer línguas muitas vezes pouco abordadas no nosso contexto acadêmico brasileiro.

No capítulo de número cinco, “As línguas da África”, Bossaglia traz informações sobre a localização geográfica das quatro famílias de línguas africanas, seguindo a classificação de Greenberg (1963): afro-asiática, nilo-saariana, nigero-congolesa e khoisan. Antes disso, a autora traz algumas informações étnicas e territoriais do continente, que ajudam a contextualizar a discussão ao longo do capítulo. A autora traz ainda informações quantitativas relativas às línguas, mencionando, por exemplo, a classificação usada pelo *Ethnologue*: línguas institucionais, em desenvolvimento, vigorosas, em apuros e moribundas.

Em seguida são comentadas características tipológicas de cada uma das famílias linguísticas mais detalhadamente. Para cada família, a autora traz primeiramente uma introdução, pormenorizando mais sobre a localização e o número de falantes, diferentes grupos que compõem a família e menciona quais línguas têm o *status* de

língua viva ou de língua morta, por exemplo. Em seguida, uma subseção destaca algumas características das línguas em diferentes níveis: fonológico, morfológico e sintático.

Pode ser apontado como um destaque deste capítulo a seção *As línguas da África e sua influência no PB*. Bossaglia destaca que muitas discussões ainda estão abertas sobre esse tópico – dessa forma, a autora busca trazer o que a literatura já dá como estabelecido. Novamente a autora trata desse assunto a partir da distinção por níveis. No léxico, aborda o papel de itens lexicais de línguas africanas na formação do português brasileiro vernacular; na fonologia, aborda casos de constituição da sílaba e processos fonológicos que teriam sido influenciados por línguas africanas; no nível da morfologia, trata da marcação morfológica de número e concordância em sintagmas nominais e em sintagmas verbais – comentando rapidamente sobre a expressão/omissão de sujeitos em PB dada a perda das desinências verbais que distinguem pessoa/número. Apesar do último ponto, a autora não distingue o nível sintático. De qualquer forma, essa seção, bem como todo o capítulo, serve como estímulo e como base para quem se interessa pelo assunto.

O capítulo seis, “As línguas indígenas do Brasil”, tem uma estrutura parecida com a do capítulo anterior, trazendo informações geográficas e étnicas sobre o povoamento das Américas e, em seguida, destacando características tipológicas relevantes das línguas indígenas brasileiras. Para a classificação das famílias linguísticas americanas, a autora destaca novamente a contribuição de Greenberg, mencionando, no entanto, que essa já foi bastante criticada, não sendo totalmente aceita no campo.

Seguindo a classificação de Moore (2011), a autora trata dos troncos Macro-jê e Tupi, além de línguas isoladas e de famílias linguísticas que não pertencem a nenhum desses dois troncos. Ao comentar sobre a classificação genética das línguas, a autora ressalta as dificuldades em realizar essa tarefa devido a fatores de lacuna documental e de diversidade étnica. Na sessão seguinte, as características tipológicas mais marcantes das línguas indígenas brasileiras são descritas. A autora destaca que não é uma síntese exaustiva, dada a grande diversidade em termos genéticos e tipológicos dessas línguas. A autora traz dados sobre aspectos fonológicos, léxico-morfológicos, morfológicos, sintáticos e de alinhamento de caso. A última seção do capítulo é dedicada à influência das línguas indígenas no português brasileiro, comentando sobre o papel delas no léxico (toponímia e antroponímia) e em alguns sufixos derivacionais

de origem tupi, por exemplo. A autora mais uma vez destaca que não há um consenso sobre em que medida poderíamos atribuir algumas características do PB às línguas indígenas, indicando que esse tópico ainda é um campo bastante inexplorado.

Certamente essas duas seções que destacam a influência de línguas africanas e indígenas na formação do português brasileiro (vernacular) merece atenção. Mais uma vez, Bossaglia traz uma síntese completa e basilar para tratar dos temas - sem desconsiderar a complexidade desses estudos – que por muitas vezes são mencionados de forma mais introdutória e superficial em currículos de graduação em Letras.

O sétimo capítulo é o “Para saber mais”. Dividido em seis partes, uma para cada capítulo, apresenta várias indicações de materiais bibliográficos da área: artigos e obras completas em português e em outras línguas, websites e bancos de dados on-line mantidos por diferentes instituições, como o *World Atlas of Language Structures* (WALS) e o *The Universals Archive* (Universidade de Constança) que complementam e aprofundam as discussões, além de trazer fontes que talvez não sejam conhecidas pelos(as) leitores(as).

Ao final da obra, vemos que conjugar as duas disciplinas – linguística comparada e tipologia - em um só texto suporta bem objetivo da obra de oferecer um material que reúna, em língua portuguesa, um estado da arte desses dois mundos. Sendo antes de tudo complementares, a tipologia nasce a partir da linguística comparada para dar conta de questões que seu método não comportava. Dessa forma, a tipologia vai além de relações genéticas, encarando, por exemplo, frutos dos contatos linguísticos. Esse olhar é de suma importância para entender o panorama linguístico brasileiro. Dessa forma, o livro é com certeza um acréscimo importante para a coleção de *Linguística para o Ensino Superior* e também para a formação de linguistas brasileiros/as.

## **Referências**

BOSSAGLIA, Giulia. *Linguística comparada e tipologia*. São Paulo: Parábola, 2019.